



HAL
open science

A catástrofe pós-colonial: ler António Lobo Antunes “à rebours”

Alda Maria Lentina

► **To cite this version:**

Alda Maria Lentina. A catástrofe pós-colonial: ler António Lobo Antunes “à rebours”. Catalonia, 2014, Avatars littéraires de la catastrophe, 15, pp.3-9. hal-03639222

HAL Id: hal-03639222

<https://hal.science/hal-03639222>

Submitted on 12 Apr 2022

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

A catástrofe pós-colonial: ler António Lobo Antunes «à rebours»

Alda Maria LENTINA
Dalarna University, Suède
aldalentina@hotmail.com

Résumé : Le roman *As Naus* (*Le retour des Caravelles*) d'António Lobo Antunes propose une révision du passé historique portugais, en offrant une relecture de la Révolution du 25 avril 1974 comme événement traumatique et catastrophique. En effet, sur fond de guerre et de décolonisation africaine, l'auteur nous transmet une vision dysphorique du contexte révolutionnaire portugais, ceci en adoptant le point de vue des « retornados », ex-colons fuyant l'Afrique, revenant vers la mère Patrie : le Portugal. Nous assistons ainsi à une « navigation à contre-courant », celle où les « héros de jadis », relégués aux marges de la société portugaise, se transforment en personnages nomadiques et « border-line ». Dans ces conditions, l'espace des marges représente « l'envers du décor » de la société portugaise, un monde sens dessus dessous, où règnent la sauvagerie et l'abjection. C'est à travers ces motifs apocalyptiques que l'auteur touche à l'un des fondements de l'identité portugaise, à savoir, celle d'une grande Nation au centre d'un Empire.

Mots-clés : guerre, catastrophe, traumatisme, « retornados », Lobo Antunes

Numa entrevista dada ao Jornal *O Público*, Margarida Calafate Ribeiro observa que, na produção literária portuguesa de pós-guerra colonial ou seja, dentro do género das «narrativas de regressos», António Lobo Antunes rompe com a ideia nostálgica de Portugal como «centro», pois ele é «o único a dar o golpe de misericórdia. [A] Registrar a impossibilidade de regresso»¹. Com efeito, ao ler *As Naus*, romance publicado em 1988, deparamo-nos com uma visão do mundo que desconstrói a epopeia portuguesa das Descobertas principalmente através da reconfiguração do tema dos «heróis do mar». Ao propor uma reavaliação da descolonização africana e da Revolução dos Cravos de 1974, a obra conta a história dos oitocentos mil portugueses espalhados pela África e obrigados a voltar a Portugal, por causa do horror das guerras coloniais e da descolonização. São elementos que vêm romper com a euforia da Revolução dos Cravos. Nesta perspectiva, como indica Raquel C. S. Pereira, no «romance de Lobo Antunes, fica clara a destruição dos sentidos e das significações em torno do imaginário imperial, pois o espaço pós-colonial em *As Naus* se encontra esvaziado de indícios que remetam para um passado glorioso.»². Nestas condições, o romance pode ser

¹ Entrevista de Margarida Calafate Ribeiro por Pedro Cunha. Jornal *O Público*. Lisboa: 3 de Julho de 2004, p. 14.

² PEREIRA, Raquel Cristina dos Santos. «As naus: Passado e presente no consciente português», in *O marrare*, Revista de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa da UERJ, Número 12 (1º semestre de 2010), p. 126. <http://www.omarrare.uerj.br/numero12/raquel.html>; consulta de 2 do Maio de 2014.

considerado como a narrativa de uma «navegação a contra corrente»³, simbolizando o que Margarida Calafate Ribeiro qualificou como o «último naufrágio português»⁴.

«Uma história de regressos»⁵

Antes de viverem o processo de descolonização, os colonos portugueses, confortavelmente instalados nas suas fazendas africanas, encaravam o movimento revolucionário a acontecer na metrópole como algo de longínquo e irreal. Em *As Naus*⁶, esta impressão de distância é transmitida por frases como «aconteceu aquela coisa comunista da revolução dos tropas» (p. 102) ou ainda «uma noite escutaram por acaso na telefonia, num vendaval de assobios, comunicados, marchas militares, a prisão do governo, canções desconhecidas.» (p. 51). Ora, gradualmente, a distância reduz-se e os sons anunciando o fim da ditadura tornam-se realidade desestabilizadora, no momento em que os ex-colonizados, de «óculos flamejantes e camisas de feriados» (p. 51), ficam livres de ocupar as esplanadas e os largos outrora reservados aos colonos brancos. É a partir daqui que, para os colonos impelidos a fugir, a palavra «revolução»⁷ se reveste de um sentido diferente do que lhe é atribuído pelos metropolitanos. Naquele momento, o termo revolução contrapõe-se à ideia positiva de renovação e começa a significar um fim abrupto e catastrófico, marcado por um regresso a uma terra longínqua e, afinal, estrangeira: Portugal. Começa então, no romance, uma «navegação a contra correntes» cujo resultado será um naufrágio nas terras da Pátria.

Se a cena inaugural da obra corresponde à História «aprendida» sobre as Descobertas, aludindo ao desembarque «junto ao Tejo numa orla de areia chamada Belém [...]» (AN, p. 10), a imagem seguinte rompe com uma visão idílica da «redescoberta». Com efeito, na hora do desembarque, o herói da História, Pedro Álvares Cabral, transformado em retornado, vislumbra «nas ondas frisadas da margem, [...] presa aos limos da água por raízes de ferro, com [...] velas para o desamparo do mar que cheirava a pesadelo e gardénia, achamos à espera, entre barcos a remos e uma agitação de canoas, a nau das descobertas.» (p. 11). A imagem da «nau das Descobertas», abandonada e presa ao cais de Lisboa, sublinha o carácter definitivo e irremediável do regresso da personagem à metrópole. Para além disso, esta imagem reenvia para a ideia de uma navegação «mal sucedida», sublinhada por expressões disfóricas como «num mar que cheirava a pesadelo» e, mais tarde, pela alusão clara a uma cena de chegada transformada em naufrágio. Assim, o momento de espera das bagagens transforma-se, para Cabral e a sua família, numa autêntica cena de devastação pós naufrágio:

e nós os três cá por fora, no passeio, à torreira, à espera das mesinhas vindas de Angola como se as caravelas atravessassem as avenidas para nos depositarem aos pés um caixote bolorento de limos de baixios, amolecido pelas gengivas das ondas, destruído por correntes contraditórias e gumes de recife, barbudo de mexilhões e ostras oceânicas, com um resto de colchão e um maçaneta dentro. (p. 18)

³ Pedimos emprestado o título de RÜCKERT, Gustavo Henrique. *Navegando a contra corrente: As Naus antiépicas de António Lobo Antunes*, tese de Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010, p. 11, <http://www.wlvivros.com.br/IIjornadaestlit/artigos/comparada/RUCKERTGustavo2.pdf>; consulta do 23 de Abril de 2014.

⁴ RIBEIRO, Margarida Calafate citada por Patrícia Ferraz de Matos na Recensão Crítica do livro de *Uma História de Regressos: Império, Guerra Colonial e Pós-colonialismo*. Revista *Análise Social*, Vol. XLIII (1.º), (2008) Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, p. 206.

⁵ Título do livro de RIBEIRO, Margarida Calafate. *Uma História de regressos: Império, Guerra Colonial e Pós-colonialismo*, Porto: Edições Afrontamento, 2004.

⁶ ANTUNES, António Lobo. *As Naus*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988. Este livro constitui o nosso corpus principal.

⁷ Referimos ao sentido da palavra «Revolução»: do latim *revolutio* (ciclo ou regresso) ou *revolvere* (voltar atrás).

O desenvolvimento desta temática marítima «à rebours» e fracassada provoca uma confusão entre a figura do retornado e do naufrago, o que, por sua vez, confere uma sensação disfórica redobrada por impressões de estranhamento e de desilusão. Em vários momentos no romance, as personagens manifestam esta esperança que esbarra com a realidade, ao exemplo de Vasco da Gama que se espanta «com os edifícios da Encarnação, os baldios em que se ossificavam pianos despedaçados e carcaças rupestres de automóvel e os cemitérios e quartéis cujo nomes ignorava como se arribasse a uma cidade estrangeira.» (p. 12).

Enfim, podemos afirmar que o tema do naufrágio e do estranhamento ilustram no romance o que muitos retornados viveram com o seu regresso à Pátria, isto é: «um pesadelo esquisito, uma mentira formidável, o mundo de repente ao contrário, um dilúvio, um naufrágio, um cataclismo, uma ameaça tremenda, a vida do avesso...»⁸. Nestas condições, a «História de regresso» resume-se a uma «vida destruída» num mundo às avessas, um sentimento ilustrado de maneira pungente por Isilda, em *O Esplendor de Portugal*, quando acaba por perguntar: «como voltar a casa se não há casa»⁹.

Do mundo às avessas à abordagem das margens

Na abordagem do romance *As Naus*, o motivo do «mundo às avessas» é fundamental, na medida em que redimensiona o contexto da Revolução dos Cravos valendo-se de duas ideias, vindas da tradição histórica e literária lusas e ligadas às mudanças provocadas pelas Descobertas no século XV. Ou seja, o «desconcerto do mundo» de Gil Vicente, ou ainda, o lamento de Sá de Miranda quando escrevia que «ao cheiro da canela, o reino nos despoeva». A particularidade deste «mundo às avessas» reside, no texto, numa reconfiguração irónica e ambígua do discurso e da matéria histórica, oferecendo um visão carnavalesca da História.

Por exemplo, o movimento de redimensionamento do presente começa no texto por uma reavaliação irónica do acto de «descobrir», dando-lhe ares de carnaval e retirando-lhe qualquer valor glorioso. O episódio cómico em que Diogo Cão, o «herói do mar», «descobre» a cidade de Amesterdão e, sobretudo, o seu «red lighth district» apaixonando-se por uma prostituta, é neste sentido exemplar. Para além disso, a acção de releitura do passado vai coincidir com uma reconfiguração irónica e crítica de uma das figuras fulcrais das Descobertas: a do rei D. Manuel. Aqui, a personagem é descrita como um «rei de circo» ou de «carnaval», ou ainda como um «príncipe envelhecido afastando moscas com ceptro, de coroa de lata com rubis de vidro» (p. 117). Mais tarde, esta visão vai ser reforçada pelas decisões absurdas e inúteis do rei, cuja ilustração é a última missão de Vasco da Gama, isto é, «uma expedição de biólogos sudaneses enviados de submarino ao Pólo Norte» (p. 117). Assim, apesar do rei afirmar recorrentemente «sou dono deste país» (p. 186) ou «esta bodega toda me pertence» (p. 191), este acaba por se transformar em representante da «vã glória de mandar»¹⁰, a de um poder obsoleto, ou, melhor dito, numa materialização do que José Gil qualifica como a «não-acção»¹¹ ou o «não-poder» dos portugueses.

Num mundo às avessas, presidido por um rei de pacotilha, não é de espantar que a loucura e o absurdo se transformem em lei. Em *As Naus*, uma das personagens mais emblemática desta situação é sem dúvida um «homem de nome Luís partido de Angola e a quem faltava a vista esquerda» (p. 19). Com efeito, esta personagem, na qual podemos reconhecer Luís de Camões, regressa a Lisboa sem outra bagagem a não ser o cadáver do seu pai. O absurdo da situação é sublinhado quando damos com Camões a «flutuar» e a «vaguear» sem destino pela cidade com os restos putrefactos do pai no sovaco e sem nunca poder enterrá-los. Passamos

⁸ ANTUNES, António Lobo. *Fado Alexandrino*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997, p. 192.

⁹ ANTUNES, António Lobo. *O Esplendor de Portugal* (EP). Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997, p. 268.

¹⁰ Título do filme de Manuel de Oliveira, *Non, ou a vã glória de mandar* (1990).

¹¹ José Gil escreve que «a “não-acção” portuguesa é possibilitada por um exercício do poder marcado por “um não-poder real” ou do governo». *Portugal, Hoje: o Medo de Existir*. Lisboa: Relógio d'Água, 2007, p. 86.

então da loucura mais absurda a uma atmosfera de caos inumano, elementos que contribuem para tornar esta personagem num arquétipo do destino de todos os regressados. Pois, ele representa aquela vida paradoxal, aquele que nas suas malas de regresso traz consigo um pedaço do cadáver da «Pátria», tornando-se prova tangível, se bem que indizível, do naufrágio do Império Colonial português. Assim, à imagem do lento apodrecimento do corpo paterno se sobrepõe a lenta decomposição da imagem idealizada da Pátria, imagem que, por extensão, materializa o aniquilamento das esperanças de integração dos retornados no corpo social português. A partir daí, a condição de cada personagem ilustre/retornado é também reavaliada. Reduzida ao anonimato, fá-los passar da terra «dos primeiros às margens dos últimos». Este movimento é confirmado, no romance, pela resposta que os lisboetas fazem à prostituta quando ela procura Diogo Cão: «Todos me repetiam, confusos, numa voz escolar, Diogo Cão? Diogo Cão? Não é por acaso o barbaças que descobriu a Madeira?» (p. 199).

Náufragos da descolonização, Cabral, Camões e outros são transformados em vagabundos condenados ao nomadismo. Assim, será o próprio Camões, enaltecedor da identidade portuguesa, o primeiro a revelar, na voz silenciada de um monólogo interior, uma consciência subalterna da margem: «e, eu de minhocas no sovaco a vogar pela cidade, sem banho nem muda de roupa há mais de um mês, seco de sede, alimentado de restos, eu, à procura dos cedros de um portão de cemitério, de um bairro de cruces dispersas no escuro...» (p. 93-4).

A partir desta ideia, seria legítimo perguntar, mas, afinal, quem regressa a Lisboa nas caravelas do ultramar?

Os portugueses nas margens de si próprios

Com efeito, os que regressam a Portugal já não são os «heróis brancos», idênticos àqueles que circulam na «outra face [duma] avenida [de Lisboa] [...]» (p. 93-4), mas, sim, os seus «demónios negros»¹², transformados nos «Danados da Terra»¹³. Por estas razões, os «demónios negros» deambulam ao mesmo tempo nas fronteiras do presente (border line) e nas fronteiras da vida (border lives)¹⁴.

Assim, podemos desde já afirmar que o carácter «borderline» das personagens está inscrito na própria ambiguidade da ortografia do nome da capital de Portugal: LIXBOA. Se por um lado, a substituição de S por um X imita os textos antigos, por outro lado, chama a atenção para uma outra interpretação. Pois, o X tanto pode significar a marca do centro como ser o signo do vazio, da ausência ou do anonimato. Ao jogar com o nome Lixboa, o autor anuncia o que B.V. de Sousa Santos define como «a deslocação do discurso e das práticas do centro para as margens»¹⁵. É precisamente este movimento que manifesta Isilda em *O Esplendor de Portugal*, ao relembrar as palavras do seu pai: «[...] os brancos de Lisboa têm razão em troçar-nos, em olharem-nos como olham os pretos com a mesma indiferença ou o mesmo horror [...]» (EP, p. 266). Nesta frase, a personagem exprime o olhar do centro sobre a margem e uma consciência aguda da sua impossível integração no centro. E, mais ainda, ela revela uma forma de contágio entre colonizado e colono. Assim, os brancos de África:

habitavam com os pretos e quase como eles, reproduzindo-nos como eles na palha, nos desperdícios, nos dejectos para formarmos uma raça detestável e híbrida que nos aprisionavam por medo em África mediante decretos, ordens [...] na esperança que morrêssemos das pestes do sertão ou nos matássemos entre nos como bichos... (p. 264)

¹² BHABHA, Homi. *Les lieux de la culture : théorie postcoloniale*. Paris: Payot, 2007, p. 135.

¹³ Fazemos referência ao livro de FANON, Frantz. *Les damnés de la terre*. Paris: La Découverte, 2002.

¹⁴ BHABHA, Homi. *Op. cit.*, p. 145.

¹⁵ SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. Porto: Edições Afrontamento, 2006, p. 224.

Por essas razões, com o seu desembarque a Lisboa, os colonos de África perdem a sua cidadania e a sua humanidade, padecendo da mesma «violência civilizadora»¹⁶, outrora legitimada pelo acto colonizador. Eles são os outros da margem, «desfigurados»¹⁷, desumanizados e animalizados. Esta desfiguração é manifesta por Isilda quando afirma que «[d]e certo modo [somos] os pretos dos outros» (EP, p. 263). Em *As Naus*, este movimento é amplificado através de temas como a selvajaria e a abjecção. Com efeito, como o ilustrou Homi Bhabha, se nos tempos coloniais a selvajaria era apanágio do negro¹⁸, por outro lado, na LIXBOA dos «danados da terra», esta encontra-se nos dédalos de pensões em ruínas, no microcosmo formigante de «empregados sem clientes» (p. 96), de pedintes, mendigos e vagabundos (p. 96), nos pequenos lucros, furtos, e empréstimos, nos monopólios de valsas e tangos (130) e na sucessão de «bares de putas». Mais ainda, esta fragmentação da margem em vários focos de selvajaria, torna-a metonímia da decomposição da sociedade portuguesa. Esta ideia é constantemente sublinhada, no texto, por referências abjectas como o «fedor de vazante», «cheiros a vômito e a bolor, manchas de sangue e de vinho.» e por uma noite que cheira «a butano, a fumo de farturas, à peste dos séculos idos, a mulas de frade e a fezes de chibo doente no ondeado do terreno vago» (pp. 17 e 38). Estes são os elementos que fazem emergir no romance, «la doublure immonde de la société»¹⁹, redobrando a impressão de catástrofe inicial. Assim, Julia Kristeva escreve que: «L'excrément et ses équivalents (pourriture, infection, maladie, cadavre) représente le danger venu de l'extérieur de l'identité : moi menacé par le non-moi, la société menacée par son dehors [...]»²⁰.

Nestas condições, podemos afirmar que as constantes referências ao abjecto como elemento constitutivo das margens, prefiguram o anúncio do apocalipse²¹ com a chegada dos seus «cavalos impossíveis» (p. 247). Assim, além de elementos textuais muito concretos a anunciá-lo²², encontramos o seu presságio na voz do Padre António Vieira: «Ouve? [...] São as trombeta do acampamento castelhano.» (131) ou ainda «Não os ouve agora, aos espanhóis?» (133). Aqui, a figura do espanhol, símbolo histórico da perda da independência portuguesa, já não vale por si, mas funciona como um desdobramento traumático da perda identitária. Em *As Naus*, é precisamente o que o regresso dos «Apóstolos da África»²³ manifesta na sociedade portuguesa, a ideia de que: o Quinto Império sonhado pelo Padre A. Vieira foi uma vã mensagem.

¹⁶ Ver a este respeito em *Esplendor de Portugal*, a face monstruosa do poder colonial, que segundo uma expressão de Michel Foucault «controla e pune»: «se o enforcarem a todos quem ponho eu a dar o corpo ao manifesto diga lá?» ou ainda «a minha mãe entendeu-se com o administrador de Dala Samba e passou a contratar bundi-bãngalas que embora fossem mentirosos e lentos sempre duram um bocadinho mais [...]» (EP, p. 19-20).

¹⁷ Assim como o afirma Boaventura de Sousa Santos, na relação colonial tanto o colonizador como o colonizado são «desfigurados», o primeiro, porque personifica a figura do opressor e, o segundo, porque é uma criatura oprimida. *Op. cit.*, p. 219.

¹⁸ BHABHA, Homi. *Op. cit.*, p. 144.

¹⁹ KRISTEVA, Julia. *Le pouvoir de l'horreur : essai sur l'abjection*. Paris: Editions du Seuil, 1980, p. 28.

²⁰ *Ibid.*, p. 86.

²¹ Apocalipse é uma palavra de origem grega «apocalypsis» que significa revelação ou «o que é descoberto». Esta palavra deriva do verbo «apokalutein» que quer dizer «desvendar». No seu sentido moderno, esta palavra refere-se a uma grande catástrofe que conduz ao fim do mundo.

²² Assim, há no texto alusões reiteradas aos horrores e calamidades apocalípticos, dos quais fazem parte os gafanhotos (p. 91), os ratos, a luz poeirenta (p. 132), as águas negras ou rosadas (p. 155) e, por fim, os «cavalos impossíveis» (p. 247).

²³ Nome da Residencial em que os retornados são acolhidos.

Conclusão

As Naus, afirma Maria Alzira Seixo, é o romance da «viagem sem fim ao avesso das coisas»²⁴ e podemos acrescentar que é também uma viagem ao avesso catastrófico da História portuguesa. Com efeito, basta relembrar, como o escreveu Agustina Bessa-Luís, que «nunca se viu tragédia na história portuguesa, apenas acidentes brilhantes e inesperados.»²⁵. Nesta frase, a autora sublinha que todo o percurso histórico português assenta nos «excessos da memória»²⁶, alicerces tangíveis da visão central de um «Portugal Super-homem»²⁷. Ora, na viagem ao avesso da História portuguesa e do mundo, António Lobo Antunes desvenda a outra face da identidade portuguesa, expressa através da consciência da margem e da periferia dos retornados. Assim, é unicamente através da noção de margem que poderá ser revelada, o que J. Kristeva designa como «a violência da perda»²⁸, concretizada pelo «grito do horror de uma identidade insustentável»²⁹. Sendo, assim, *As Naus*, é o romance que prova que «o descobridor pode descobrir-se» e que também «são possíveis e necessárias redescobertas»³⁰.

Bibliografia

- ANTUNES, António Lobo. *Fado Alexandrino*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997.
- _____, *As Naus*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1988.
- _____, *O Esplendor de Portugal*, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997.
- BESSA-LUÍS, Agustina. *O Mosteiro*. Lisboa: Edições Guimarães, 1986.
- BHABHA, Homi. *Les lieux de la culture : théorie postcoloniale*. Paris: Payot, 2007.
- CUNHA, Pedro. *Jornal O Público*. Lisboa: 3 de Julho de 2004.
- FANON, Frantz. *Les damnés de la terre*. Paris: La Découverte, 2002.
- GIL, José. *Portugal, Hoje: o Medo de Existir*. Lisboa: Relógio d'Água, 2007.
- KRISTEVA, Julia. *Le pouvoir de l'horreur : essai sur l'abjection*. Paris: Editions du Seuil, 1980.
- LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da Saudade*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.
- MATOS, Patrícia Ferraz de. Recensão crítica do livro de *Uma História de Regressos, Império, Guerra Colonial e Pós-colonialismo*, Revista *Análise Social*, Vol. XLIII (1.º), Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2008.
- PEREIRA, Raquel Cristina dos Santos. «As naus: Passado e presente no consciente português», in *O marrare*, Revista de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa da UERJ, Número 12 (1º semestre de 2010), <http://www.omarrare.uerj.br/numero12/raquel.html>; consulta de 2 do Maio de 2014.
- RIBEIRO, Margarida Calafate. *Uma História de regressos: Império, Guerra Colonial e Pós-colonialismo*. Porto: Edições Afrontamento, 2004.
- RICŒUR, Paul. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Editions du Seuil, 2000.
- RÜCKERT, Gustavo Henrique. *Navegando a contra corrente: As Naus antiépicas de António Lobo Antunes*, tese de Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010, <http://www.wlivros.com.br/IIjornadaestlit/artigos/comparada/RUCKERTGustavo2.pdf>; consulta do 23 de Abril de 2014.

²⁴ SEIXO, Maria Alzira. *Os Romances de António Lobo Antunes: Análise, interpretação, resumos e guiões de leitura*. Lisboa: Dom Quixote, 2002, p. 67-90.

²⁵ BESSA-LUÍS, Agustina. *O Mosteiro*. Lisboa: Edições Guimarães, 1986, p. 284.

²⁶ RICŒUR, Paul. *La mémoire, l'histoire, l'oubli*. Paris: Editions du Seuil, 2000, p. 97.

²⁷ LOURENÇO, Eduardo. *O labirinto da Saudade*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992, p. 35.

²⁸ KRISTEVA, Julia. *Op. cit.*, p. 165.

²⁹ *Ibid.*, p. 35.

³⁰ Boaventura de Sousa Santos abre um dos seus capítulos intitulado «Os lugares fora do lugar», com uma série de perguntas atinentes à relação de poder estabelecida entre descobridor/descoberto. «Qual o impacto do descoberto no descobridor ? Pode o descoberto descobrir o descobridor ? Pode o descobridor descobrir-se? São possíveis e necessárias redescobertas?». *A gramática do tempo: para uma nova cultura política, op. cit.*, p. 177.

A catástrofe pós-colonial : ler António Lobo Antunes às avessas

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. Porto: Edições Afrontamento, 2006.

SEIXO, Maria Alzira. *Os Romances de António Lobo Antunes: Análise, interpretação, resumos e guiões de leitura*. Lisboa: Dom Quixote, 2002.